NOTAS CONJUNTURAIS

ALGODÃO

PREVISÃO DE QUEBRA.

A estiagem no Estado do Paraná, que se estendeu por quase 1 mês, não afetou substancialmente a cultura do algodão. Até agora, a quebra prevista é de 14% das 450 mil t de algodão em caroço que seriam colhidas nesta temporada. Nas principais zonas produtoras, Cornélio Procópio, Campo Mourão e Umuarama, que contam com quase 70% da produção do Estado, as quebras se situam ao nível da média, exclusive em Campo Mourão, cuja perda registrada é de apenas 5%. A região de Paranavaí foi a que mais sofreu com a estiagem (redução em 30% da safra prevista). Porém, como a sua produção não é muito significativa, inexistem motivos para maiores preocupações.

ÁREAS PLANTADAS PRECOCE E TARDIAMENTE.

As áreas plantadas precocemente e que por isso não sofreram com a estiagem da época do plantio (set/out) apresentam plantas mais resistentes e em algumas áreas já está sendo colhido o algodão. Por isso, a seca do mês de janeiro não deverá afetar esta cultura e a produção está praticamente garantida. No entanto, as áreas plantadas mais tardiamente, ou aquelas que foram semeadas em sua época normal, que são a maioria, apresentam plantas mais enfraquecidas. São estas as que devem ter sido afetadas mais intensamente pela seca; e, mesmo que as precipitações continuem, esta cultura tardia registrará quebras.

A QUEDA NA PRODUTIVIDADE.

Como 60% da cultura de algodão se encontram na fase de formação de maçãs, é bem provável que, com a insuficiência de umidade, haja floração antes da época normal. Assim, à quebra da safra propriamente dita somar-se-ão os danos sobre a qualidade da fibra, à semelhança do que ocorreu na temporada anterior (77/78).

AS CONSEQUÊNCIAS DE UMA QUEBRA MAIOR.

Entretanto, apenas se a quebra for superior a 30% é que o suprimento nacional de algodão ficará comprometido. Neste caso, o país, indiscutivelmente, terá que recorrer ao mercado externo.

MILHO

MERCADO INTERNACIONAL: PERSPECTIVAS.

Não obstante a área semeada com milho nos EUA, tenha diminuído em 5% frente ao plantio de 1977, um comportamento favorável do clima naquele país propiciou uma produtividade recorde (6.352 kg/ha) na safra recentemente colhida. Isso levou a produção do cereal ao nível de 180 milhões de t, 10% superior à colheita do ano anterior.

Na previsão dos preços futuros do milho, conjugam-se alguns fatores que, contrapondo-se aos efeitos baixistas da grande oferta norte-americana, talvez acabem por induzir a alguma recuperação das cotações do produto no mercado internacional. Nesse sentido, destacam-se, nos EUA, a expressiva quantidade de milho beneficiada pelo programa de preço-suporte (cerca de 30 milhões de t) e a perspectiva de expansão (entre 5 e 10%) no consumo interno do cereal. Por outro lado, admite-se uma significativa participação da URSS e da República Popular da China na composição da demanda internacional, enquanto a frustração de safra na África do Sul (de 10 para 7-8 milhões de t) favorece a ampliação da parcela norte-americana no comércio mundial.

BRASIL: ABASTECIMENTO GARANTIDO.

No Brasil, por seu turno, a ocorrência de estiagem no Sul do país vem reduzir o otimismo das primeiras estatísticas oficiais (ao redor de 19 milhões de t). Muito embora precárias, como de praxe, as primeiras estimativas dão conta de grandes perdas no Rio Grande do Sul (30%), enquanto o Paraná — maior estado produtor — deverá sofrer uma quebra de menor monta (8%). Nas regiões centrais do país, permanecem as expectativas de boas colheitas.

Em síntese, nas condições atuais, a antevisão de crise no abastecimento interno do cereal soa prematura, ainda que pareça diluir-se a possibilidade de existência de algum excedente, ao final do período de comercialização da safra entrante.

SOJA

PRIMEIRAS INFORMAÇÕES DE QUEBRA INFLUENCIAM O MERCADO.

O mercado internacional da soja já começou a refletir a mudança de expectativas quanto ao volume da safra brasileira, fazendo com que as cotações do complexo atingissem níveis elevados, com o grão superando os US$ 7 por bushel. Embora as notícias divulgadas sobre a estiagem ainda estejam sujeitas a dúvidas, já foram suficientes para criar, no mercado, a impressão de um novo recuo na oferta brasileira. De fato, as avaliações sobre a frustração da safra do Rio Grande do Sul concentram-se em percentuais ao redor dos 30%, tendo a Secretaria de Agricultura daquele estado calculado a perda em 37%, equivalentes a 2,3 milhões de t, diante de uma produção potencial de 6,2 milhões de t. Redução de tamanha grandeza significaria que a produção gaúcha não conseguiria atender sequer à demanda regional para esmagamento (4,5 milhões de t) e que não haveria sobras, no estado, para a exportação de grãos.

As perdas já verificadas atingem sobretudo as variedades precoces. Estas representam 40% do total plantado no estado, concentrando-se na região das Missões, aonde são semeadas em função do término da colheita do trigo, para que não se deixe a terra sem cobertura. Mais difícil será a avaliação dos danos sofridos pelas variedades de ciclo médio e tardio, cuja atual fase de floração acontece em plantas de pequeno porte, o que acarretará novos prejuízos por ocasião da colheita. Devido à configura-